

A LETRA EM LACAN: UMA LEITURA DE *O MONGE NEGRO*, DE ANTON TCHEKHOV

Fabiana Carvalho Ratti

Psicanalista, mestranda em Psicologia Clínica pela PUC-SP, membro e pesquisadora do Laboratório de Saúde Mental Coletiva (Lasamec) da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: fabianaratti@gmail.com

Ivan Ramos Estevão

Psicanalista, mestre e doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, professor doutor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP).

Membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP).]

E-mail: irestevao@usp.br

Resumo: O conto *O Monge Negro*, de Anton Tchekhov, é pano de fundo para este artigo, que discute a metáfora delirante como uma possível estruturação do sujeito. Kovrin, personagem central, interroga-se a respeito da mediocridade em que se encontra após um tratamento que foca apenas a retirada do sintoma. O texto destaca a metáfora delirante e a posição da psicanálise lacaniana que inclui o sintoma como tendo uma função pela via da letra e da singularidade, ressaltando a diferença absoluta do sujeito.

Palavras-chave: psicose; sintoma; nó borromeano; metáfora delirante.

Abstract: The short story *The Black Monk*, by Anton Chekhov, is the backdrop of this article, which discusses the delirious metaphor as a possible structuring of the subject. Kovrin, the main character, asks himself about his mediocrity after a treatment focused only on removing the symptom. The text highlights the delirious metaphor and Lacan's psychoanalysis claim that includes the symptom as having a function through the letter and uniqueness, emphasizing the absolute difference of a subject.

Keywords: psychosis; symptom; Borromean knot; delirious metaphor.

A leitura do texto de Tchekhov, *O Monge Negro* (1985/1894), é bastante inspiradora para o debate psicanalítico tendo em mente a questão da psicose. Ao longo do

conto, Kovrin, personagem central, apresenta o desencadeamento de uma psicose e a construção de uma metáfora delirante através da visão do monge negro. Vamos a alguns fragmentos do conto para, em seguida, fazer uma articulação com a psicanálise.

Sobre *O Monge Negro*

A novela de Tchekhov, *O Monge Negro* (1985/1894, p. 6), começa com a frase: “Andrei Vassilievitch Kovrin, *magister*, sofreu um esgotamento que lhe arruinou os nervos”. Não se tratou. Limitou-se, diante de uma garrafa de vinho, a uma conversa com um médico amigo e foi para o campo. A novela, escrita no final do século XIX, transcorre nos campos russos e marca um momento em que a saúde mental ainda contava com poucos recursos para o tratamento.

Kovrin “Continuou a viver no campo a mesma vida nervosa e desordenada que vivera na cidade. Lia e escrevia muito, estudava italiano, e quando ia passear pensava com prazer na volta ao trabalho. Dormia pouco...” (ibid., p. 25) e conversava com sua amiga de infância, Tânia Pesotzky. Certa vez, quase de súbito, narra a ela o seguinte fato:

– durante todo o dia, desde a manhã – disse – minha mente está tomada por uma lenda. Não consigo lembrar onde a li, ou ouvi, mas é uma lenda muito estranha e incoerente. Posso começar dizendo que nada nela é claro. Há uns mil anos, um monge, vestido de negro, errava pelo deserto de algum lugar da Síria ou da Arábia... A poucas milhas dali, pescadores viram outro monge negro caminhando lentamente sobre a superfície de um lago. Esse segundo monge era uma miragem. Agora, esqueça todas as leis da ótica, que a lenda, naturalmente, não reconhece, e ouça mais. Da miragem surgiu outra miragem e dessa uma terceira, de modo que a imagem do Monge Negro se refletia infinitamente de uma a outra camada da atmosfera. Ora era vista na África, ora na Espanha, ora na Índia, ou no Extremo Norte. Afinal, ultrapassou os limites da atmosfera terrestre, e agora vagueia pelo universo, mas nunca em condições que a façam desaparecer. Talvez seja avistada hoje em Marte ou em alguma estrela do Cruzeiro do Sul. Mas, minha querida, toda a questão, a essência mesma da lenda está na predição de que exatamente mil anos depois de o monge ter entrado no deserto a miragem tornará a penetrar na atmosfera terrestre e se tornará visível para o mundo dos homens. Esse prazo de mil anos, ao que parece, está terminando... De acordo com a lenda, devemos esperar o Monge Negro hoje ou amanhã. (Ibid., p. 27-28)

Tânia, a quem a lenda não agradou, disse que a história era muito esquisita.

– Mas o mais espantoso – riu Kovrin – é que eu não posso lembrar como essa lenda me entrou na cabeça. Será que a li? Ou a escutei? Ou quem sabe sonhei com o Monge Negro? Não consigo lembrar. Mas a lenda me fascina. O dia inteiro não pensei em outra coisa. (Ibid., p. 28)

Kovrin saiu pensativo para o jardim tentando lembrar onde vira a lenda. Passeou pelas colinas e ouviu o som do vento farfalhar o centeio e sussurrar por entre os pinheiros.

No horizonte, como um ciclone ou uma tromba d'água, uma grande coluna negra se erguia da terra ao céu. Seus contornos eram imprecisos; mas sentia-se à primeira vista que não estava parada, que se movia com incrível velocidade na direção; e quanto mais perto chegava, tanto menor e mais nítida se fazia. Involuntariamente, Kovrin afastou-se rápido para lhe dar passagem, e no que assim fez... um monge vestido de negro, cabelos grisalhos e sobrelhas negras, as mãos cruzadas sobre o peito, passou perto dele. Seus pés descalços não tocavam o chão. Tendo deslizado umas três sajes adiante de Kovrin, fitou-o, acenou com a cabeça e sorriu, um sorriso ao mesmo tempo afável e astucioso. Seu rosto era pálido e fino. Depois, começou novamente a crescer, voou através do rio, esbarrou sem ruído na barranca e nos pinheiros, e, passando através deles, esvaeceu-se como fumaça. [...] – Está vendo – balbuciou Kovrin (a sim mesmo) – A lenda era verdadeira. (Ibid., p. 29-30)

Após essa primeira visão do monge negro por Kovrin, Tchekhov volta o foco para a família que o abriga. A família era composta pelo pai e por Tânia. Ambos dedicavam-se ao jardim, viviam para os cuidados com o pomar e as folhagens. Tânia também reunia as amigas, tocavam e cantavam músicas e, assim, iam vivendo. Ela dizia que Kovrin trazia uma vida nova para aquela casa, novos ares, novas discussões e interesses, dava-se muito bem com o amigo.

Com o decorrer da narrativa, Tchekhov, de paisagens bucólicas e tardes musicais no campo, passa a relatar as brigas entre Tânia e o pai, Yegor. Tânia grita, esperneia e chora o dia todo após uma discussão. Por seu lado, o pai também demonstra bastante insegurança e chega até a propor que Kovrin se case com Tânia, pois é o único rapaz de que gosta, em quem confia, e que pode lhe dar um neto que cuide do jardim quando Yegor morrer.

Kovrin “encontra” o monge negro ainda outras vezes, e Tchekhov (ibid., p. 46), através de sua arte, nomeia a função do monge na vida de Kovrin: miragem, lenda, fantasma, produto da imaginação excitada que relembra o eterno, o celestial, a vida

eterna, a imortalidade. O monge negro lembra ao protagonista o reino da verdade eterna. Chega mesmo a dizer: “– não pode imaginar a alegria que sinto em ouvi-lo – disse Kovrin deliciado”. Para ele, as “aparições eram privilégios dos seres eleitos e excepcionais, que se dedicam à propagação das ideias” (ibid., p. 58).

Para Kovrin, o monge lhe trazia o estatuto de escolhido:

Sim, você é um daqueles entes raros que podem, com justiça, ser chamados eleitos de Deus. Você serve à eterna verdade. Os teus pensamentos, as tuas intenções, a tua ciência espantosa, toda a sua vida traz o selo da divindade, a marca do céu. E é todo dedicado ao belo e ao racional, ou seja, ao eterno. (TCHEKHOV, 1985/1894, p. 47)

Tânia percebe que, aparentemente, algo não estava bem e o flagra falando com o monge negro. Então, conclui que Kovrin está doente e ele termina por concordar com ela, indo para o tratamento. Após o tratamento, Kovrin muda de forma drástica e se expressa com sarcasmo:

– dou-lhe os parabéns, (...) – Por que... por que vocês me curaram? Poções de brometo, ociosidade, banhos quentes, vigilância, um terror idiota a cada garrafada, a cada passo... tudo isso vai acabar fazendo de mim um idiota. Fiquei transtornado da cabeça, deu-me a mania de grandeza, mas com isso tudo eu era jovial, ativo e até mesmo feliz, era interessante e original... Agora me tornei racional e sólido, mas igual a todo mundo: sou uma mediocridade, para mim é difícil viver... Ah, como vocês foram cruéis comigo! Eu tinha alucinações, mas a quem isso fazia mal? (Ibid., p. 68-69)

Kovrin interroga a respeito da mediocridade em que se encontra após uma cura que foca apenas a retirada dos sintomas. Tchekhov relata um tratamento do “esgotamento dos nervos” na base do repouso, ociosidade, banhos e relaxamentos. Nos dias atuais, ainda vemos algumas crenças nessa posição. Contudo, já é bem sabido que a teoria psicanalítica traz suporte para se pensar outras formas de intervenção com o intuito de atingir outros resultados. Para tanto, é necessário revisitar alguns conceitos.

Freud

Para Freud, em: “Os Caminhos para a Formação dos Sintomas” (1916-1917/1996), curar os sintomas não significa curar a doença. Os sintomas (psíquicos) são prejudiciais ou, pelo menos, inúteis à vida da pessoa, pois causam desprazer e sofrimento,

porém, não são inúteis para a vida pulsional do ser. Algo da ordem da pulsão o sintoma está realizando e este algo precisa ser investigado com cuidado e tratado ao longo de uma análise.

Segundo Freud (ibid.), o principal dano de um sintoma é o dispêndio mental para lutar contra ele. Pode acarretar em empobrecimento pessoal e paralisação de todas as tarefas da vida. Há uma quantidade de investimento gasto na formação do sintoma, “... os senhores podem muito bem dizer que *todos* nós somos doentes – isto é, neuróticos –, pois as precondições da formação dos sintomas também podem ser observadas em pessoas normais” (ibid., p. 361).

Essa é a concepção de sintoma para Freud (ibid.): todo ser humano faz sintoma e é algo que demanda muito investimento psíquico, muitas vezes, retirando investimento de outros afazeres além do sintoma e não conseguindo reinvesti-los em outras ligações com a vida. Freud (ibid.) percebe que com o sintoma, o ser passa a desprezar os objetos em volta e passa a buscar satisfação no próprio corpo, abandonando o mundo externo.

O psicanalista vienense não considera que é preciso eliminar os sintomas, como no modelo médico. Pondera que mesmo que o sujeito se queixe, há uma satisfação da libido, há algo que tem a ver com o seu ser. Também não diz que a pessoa regride, mas que o investimento libidinal regride para um objeto já investido anteriormente, ou num caminho já conhecido, e esse caminho pode ser o da formação do sintoma.

O personagem de Tchekhov possibilita algumas aproximações com a teoria psicanalítica. Qual o objetivo de retirar o sintoma? Kovrin interroga o leitor. Será que é possível considerar que após o tratamento e sem o sintoma de ver o “monge negro”, o personagem estaria melhor?

Em “Neurose e Psicose” (1924/1996), Freud classifica o delírio como uma tentativa de cura do psicótico diante da angústia insuportável da realidade. Assim, com esse raciocínio, ele traz novas ideias sobre o aparelho psíquico e suas formações. Através do caso Schreber, Freud (1911/1996) nos deixa uma dica sobre a metáfora delirante, assim como Schreber, Kovrin constrói um delírio a partir de sua alucinação, possibilitando uma certa estabilidade. Segundo Kovrin, o monge lhe trazia o estatuto de escolhido, um eleito de Deus. Podemos dizer que essa é uma construção significativa elaborada por Kovrin a partir de sua alucinação.

Lacan

Em “A instância da letra no inconsciente desde Freud” (1957/1998), Lacan endossa a posição de que “o sujeito grita através de seu sintoma...” (p. 522). Ao mesmo tempo que há um pedido de ajuda, pois algo está fora do lugar, como parece dizer Kóvrin, também o sintoma marca que há algo muito próximo e que parece dar certa estabilidade e até “fazer companhia” ao sujeito.

Lacan (1957/1998) utiliza-se de recursos da linguística e, através de textos freudianos como: “A interpretação dos sonhos” (1900/1996), e “Psicopatologia da vida cotidiana” (1901/1996), “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905/1996), observa estruturas de linguagem no aparelho psíquico com sequências e cadeias significantes. Quando o sujeito fica diante da falta, tenta buscar recursos linguísticos para explicá-la, uma forma de enfrentar o real sem sucumbir a ele. No caso de sujeitos que, ante a falta, têm uma desarticulação dos registros, o nó é desatado e o real se sobrepõe via alucinação. A metáfora delirante é uma maneira de alinhar e restituir o nó, que apazigua a angústia e promove uma certa sustentação, seguindo e respeitando o próprio estilo do sujeito.

No “Seminário sobre ‘A carta roubada’” (1956/1998), através do conto homônimo de Edgar Allan Poe, Lacan faz uma aproximação da literatura com as questões do aparelho psíquico. Na língua francesa, carta e letra têm a mesma grafia: *lettre*. Lacan utiliza-se desse recurso para dizer que, assim como a carta no conto foi desviada de seu lugar de origem, no aparelho psíquico também existem desvios, porém, aquilo que lhe é endereçado, sempre chega a seu destino.

Podemos entender assim que, cada sujeito tem uma letra e pode sofrer desvios, mas que, após seguir um certo caminho, aquilo retorna para o sujeito. Não há como fugir de si, não há como se esconder ou disfarçar. Não há como fugir da falta estrutural e, portanto, do sintoma. Cada um tem uma letra e é preciso se ver com ela. Através da literatura de Allan Poe, Lacan endossa o ponto de vista freudiano a respeito do automatismo de repetição, daquilo que insiste e repete, de formas diferentes, mas sempre retornando à vida emocional do sujeito.

Dessa maneira, podemos entender os delírios de Kovrin como uma forma de desvio, um caminho mais alongado em seu trajeto, como diz Lacan, que fica no lugar do excêntrico, no êxtimo, mas que retrata algo que lhe pertence, que lhe é seu. Ao mesmo

tempo que traz um estranhamento, também aponta algo de bastante familiar. Embora relate a Tânia, no começo, que são imagens estranhas; ao longo do conto, Kovrin vai se familiarizando a ponto de sentir falta do “monge negro”.

No começo do seu percurso, Lacan raciocina dando prevalência ao recurso simbólico. Dessa forma, tanto no “Seminário sobre ‘A carta roubada’” (1956/1998), como em “A instância da letra no inconsciente” (1957/1998), o psicanalista francês concebe a letra como uma outra forma de falar do significante. Para ele, nesse momento, letra e significante são similares. Lacan (ibid., p. 498) refere-se à letra como o efeito significante, um “suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem”.

No começo da década de 1970, podemos acompanhar algumas mudanças na concepção de letra para a psicanálise. Em “Lituraterre” (1971/2003), opondo-se à sua visão anterior, Lacan sublinha que letra é o “efeito de significante, não autoriza a fazer da letra um significante, nem a lhe atribuir, ainda por cima, uma primazia do significante” (p. 19). Nesse texto, Lacan conta que, ao sobrevoar o Japão, repara na delimitação pelo litoral, além de ter passado pelas montanhas siberianas e ter visto a formação de sulcos no chão, formados pelo vento e pelas chuvas. Lacan abstrai essa experiência geográfica e a transporta para o objeto de seu estudo, o aparelho psíquico. Então, coloca em questão o valor das intempéries e do acaso no direcionamento do sujeito, refletindo sobre o real.

Nesse mesmo texto, Lacan (ibid., p. 24) enfatiza que o *status* do sujeito é modificado pelo fato de ele se apoiar num céu estrelado, e não apenas num traço unário, para sua identificação fundamental. Quando estava sob a égide da soberania do simbólico, Lacan colocava o traço *unário* como marca de significante, S1, significante mestre, raiz de toda a cadeia significante. Ele apresenta a ideia de que, mesmo na marca fundamental do sujeito, precisamos incluir o real, o acaso, o insabido. E seria apenas um traço ou uma constelação? Alguns traços, como marca fundamental que podemos brincar que seria uma letra?

Lacan interroga a possibilidade de ser um escrito, como um hieróglifo que o sujeito carrega consigo. A letra sendo concebida de maneira a incluir o real, o meio em que o sujeito vive, suas características pessoais, emoções infantis, alcança um número maior de traços e passa a ser uma constelação, a concepção de sujeito se amplia e a noção de *parletre* como o ser da fala, ganha peso.

Nesse momento de sua obra, Lacan diferencia letra de significante. Pensar num inconsciente tendo como traço fundamental o traço unário, marcado por um significante

mestre, é apostar em um lugar onde se instala o Nome-do-Pai, pelo traço único, e a partir dele, a partir do S1, seguir uma cadeia de sentido. Ao pensar em letra, enxames e constelações, pulverizamos o traço. Não partimos de um traço. Mas de alguns traços fundamentais, como diz o psicanalista Vieira (2003, p. 5), de uma “constelação de aparências (semblantes) sem que seja necessário recorrer a uma significação inicial prévia”. Dessa forma, é possível, mesmo não tendo a instalação do Nome-do-Pai via simbólico, o sujeito é capaz de se nomear, de construir um nome singular para ele, possibilitando a amarração dos registros, mesmo que seja via metáfora delirante.

Retornando ao conto

Podemos dizer que Kovrin apresenta alucinações do monge negro que lhe permite a construção do delírio. Do ponto de vista da medicina em geral, podemos pensar as alucinações e os delírios como sintomas a serem retirados. Tchekov deixa evidente que tirar o “sintoma” não resolve o problema. Quando o personagem fica sem as alucinações e os delírios, pasteurizado pelo medicamento, também perde sua personalidade, sua essência.

Precisamos considerar o quanto o “sintoma” causa um estranhamento no sujeito e naqueles que estão a seu redor, pois é algo inesperado com que o sujeito precisa lidar. Sobretudo, em se tratando do desencadeamento de uma psicose. A família é pega de surpresa, gerando desconforto e medo. Ninguém sabe como lidar e a possibilidade de “cortar o mal pela raiz”, encerrar os problemas tomando um remédio, geralmente, é uma esperança que agrada a todos.

Porém, com o passar do tempo, começa a ficar evidente que isso não é possível. A pessoa, muitas vezes, dopada de remédio, não consegue voltar a seu estado anterior, gerando preocupação na família. Outra possibilidade, não tão remota, é o retorno das alucinações. No final do conto, o monge negro retorna nas alucinações de Kovrin, dando margem para pensarmos o que Freud (1920/1996) trouxe em “Além do princípio do prazer” com o nome de automastimo de repetição. O real retorna. Existem tentativas de ofuscá-lo e negá-lo, mas o real insiste.

Como Lacan (1956/1998) ressalta, no “Seminário sobre ‘A carta roubada’”, que podem haver desvios, mas uma letra sempre chega a seu destino. Ou seja, o sujeito nunca foge de si mesmo, ele tem uma materialidade a qual precisa ter acesso, estar próximo e responsabilizar-se por ela. Isso não acontece em tratamentos como o de

Kovrin, que vão em direção ao extermínio do sintoma, numa tentativa de sufocar e destruir uma parte do sujeito, como se a metáfora delirante fosse apenas uma parte indesejável.

A psicanálise nos faz refletir o quanto os fenômenos elementares e a possível desmontagem do nó aponta o quanto o sujeito não está conseguindo lidar com suas angústias, o quanto existem outras questões em jogo que o sujeito não consegue traduzir em palavras e dessa forma, há o retorno no real. A metáfora delirante estrutura o sujeito de alguma maneira, pensar como único recurso de tratamento o extermínio do delírio é reduzir o sujeito com interrogações e construções subjetivas a um mero objeto.

Freud trouxe uma nova perspectiva para o tratamento da saúde mental. Ao invés de repouso e banhos, para sair da repetição, para encontrar outro caminho daquilo que não cessa de se inscrever, o inconsciente precisa trabalhar. Freud enfatiza o trabalho dos sonhos, o trabalho do inconsciente em estado de vigília e o trabalho do paciente na relação transferencial; são formas de labor fundamentais para o restabelecimento do aparelho psíquico. Lacan passa a considerar que na relação analítica existe o analisante e o analista, dando ênfase ao trabalho do sujeito em análise. Dessa forma, podemos dizer que o inconsciente, para fortalecer-se, não necessita de descanso, mas ao contrário, precisa de trabalho, um labor muito específico.

Cada sujeito desenvolve um sintoma, segundo a sua estrutura e também a sua própria letra. Alguns apresentam quadros alucinatórios, outros sintomas psicossomáticos, outros, síndrome de pânico, fobia, obsessão, etc. Fenomenicamente, os “sintomas” podem ser semelhantes entre si, mas sabemos que cada sujeito tem um modo de gozo singular. No caso de Kovrin, ele apresenta um fenômeno elementar muito específico, a visão do monge negro. Esse sintoma específico, a tentativa de amarração borromeana, a forma como Kovrin se relaciona com o monge negro e a metáfora delirante que constrói, aponta a sua letra. Podemos ter acesso à letra e à materialidade de Kovrin via seu sintoma. O raciocínio via extermínio do sintoma sufoca a materialidade do sujeito e o amputa. O sintoma é apenas um percurso mais alongado no trajeto do sujeito.

Como já trabalhamos, Lacan amplia o conceito de letra. De letra como significante que encontramos tanto no “Seminário sobre ‘A carta roubada’” (1956/1998), como em “A instância da letra no inconsciente” (1957/1998), na década de 1970, Lacan une os três registros real, simbólico e imaginário em torno do objeto *a* e passa a considerar

essa articulação como constituição psíquica do sujeito. A letra passa a ser formada pelos três registros, como Lacan relata em “Lituraterre” (1971/2003), não somente pelo simbólico.

A letra ganha uma amplitude maior, um espaço de terra e de água, um litoral entre o eu e o outro. Entre o que é do eu e o que é estrangeiro. Não é somente o simbólico ou o discurso do outro ao qual o sujeito se insere que impera na construção do sujeito. Lacan passa a incluir, com mais intensidade, que existe uma materialidade própria, uma borda que marca o corpo. Existe também o acaso, o que irrompe sem ser esperado e que tem seus efeitos singulares na construção psíquica do sujeito e também os significantes, muitos que pulverizam o corpo marcado pelo furo intrínseco da constituição humana. Até que ponto o casamento, o encontro com o Outro sexo, uma nova posição social e subjetiva não lhe trouxe interrogações, causando uma instabilidade emocional?

O acesso aos traços é via significante, via semblante, mas a marca, a letra, é uma escrita no real, que afeta o sujeito e, portanto, seu sintoma. Lacan (1974-1975) aproxima a noção de letra à noção de sintoma:

O que é dizer o sintoma? É a função do sintoma (...) É o que, do Inconsciente, pode se traduzir por uma letra, na medida que, apenas na letra, a identidade de si a si está isolada de qualquer qualidade. Do inconsciente todo um, naquilo que ele sustenta o significante em que o inconsciente consiste, todo um é suscetível de se escrever com uma letra. Sem dúvida, seria preciso convenção. Mas o estranho, é que é isto que o sintoma opera selvagememente. O que não cessa de se escrever no sintoma vem daí. (Ibid., p. 23)

No “Seminário R.S.I.”, Lacan (ibid.) ressalta que o sintoma tem uma função. O sujeito, perante a falta, tem, de alguma forma, que recorrer ao sintoma. Por alguma razão, não consegue outra saída, outra solução para lidar com a vida. Diante do real, o sujeito apresenta uma dificuldade em seu *savoir-y-faire* e recorre ao sintoma para a amarração dos registros. Nesse sintoma está a letra do sujeito, uma qualidade precisa e isolada, que aponta a singularidade do ser.

No “Seminário O Sinthoma”, Lacan (1975-1976/2008) sublinha que a letra está diretamente ligada ao objeto *a*, ao objeto causa de desejo. A letra é a marca fundante do sujeito, constituída pela interligação das instâncias R.S.I., que se materializa na

singularidade desejante do sujeito. Não há como fugir da letra. O que pode acontecer são alguns desvios ou digressões, mas que sempre são marcados pela singularidade de cada um, pois, como diz Lacan, não se foge ao seu destino.

Kovrin demonstra essa questão. O monge negro lhe faz companhia e lhe dá certa estabilidade. A metáfora delirante aponta uma tentativa em sustentar a união dos registros, um recurso bastante precário, porém, o que lhe é possível no momento. Um recurso que protege seu narcisismo, colocando-o como o eleito de Deus. Todo sintoma tem como função a tentativa de obturar a falta existencial e intrínseca do ser humano. Kovrin diz em meio ao surto: “Da manhã à noite, só sinto alegria – a alegria me absorve e afasta todos os outros sentimentos. Não sei o que é dor, aflição ou preocupação. Falando sério, estou começando a duvidar” (TCHEKHOV, 1894/1985, p. 62). O sintoma encobre a falta e redireciona a pulsão para outras satisfações que não a de lidar com a falta.

Com a presença do monge negro, Kovrin sente-se uma pessoa eleita, privilegiada, cujo vazio da condição humana é tapado por uma metáfora delirante, um desvio de sua letra, porém, muito bem endereçado, pois o sintoma cai-lhe como uma luva.

A análise

Decifrar e nomear, ler sua marca, ter acesso a sua letra para que possa renomeá-la e se reinscrever perante o real, é o objetivo de uma análise. O jogo da nomeação durante a análise provoca equívocos que descortinam outras nomeações que, assim, vão sendo reescritas e contornam o real, possibilitando a construção de um nome próprio. Dessa forma, do sintoma, espera-se que o sujeito chegue a um *sinthoma*, a um saber fazer com sua letra, com seu estilo.

Essa posição clínica vem responder ao que Tchekhov interroga na fala de Kovrin: de que adianta uma pessoa tratada e medíocre? De que adianta um sujeito ficar sem “sintomas”, porém apático? É por essa mesma interrogação clínica que Lacan faz avanços e constrói a noção de *sinthoma*. Por que um psicótico alucinado, porém criativo, deveria ser visto de maneira inferior a um neurótico sem surtos, porém com muitas inibições, não conseguindo se posicionar na vida e sem fazer laços sociais? Tchekhov faz essa mesma interrogação anos antes de maneira enfática pelo viés da literatura.

Referências

- FREUD, S. (1916-1917). Os Caminhos para a Formação dos Sintomas. In: *Sigmund Freud: Obra Completa – Edição Standard*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 16, p. 361-378.
- _____. (1900). A interpretação dos sonhos In: *Sigmund Freud: Obra Completa – Edição Standard*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 4 e 5.
- _____. (1901). Psicopatologia da vida cotidiana. In: *Sigmund Freud: Obra Completa – Edição Standard*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 6.
- _____. (1905). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: *Sigmund Freud: Obra Completa – Edição Standard*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 4 e 5.
- _____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In: *Sigmund Freud: Obra Completa – Edição Standard*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 9.
- _____. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Sigmund Freud: Obra Completa – Edição Standard*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 18.
- _____. (1924). Neurose e Psicose. In: *Sigmund Freud: Obra Completa – Edição Standard*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 19.
- LACAN, J. Le séminaire XXII: R.S.I. *Ornicar?*, n. 3, Paris: Ed. Navarin, 1974-1975.
- _____. (1956). *Seminário sobre “A carta roubada”* In: *Os Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1957). A instância da letra no inconsciente desde Freud. In: *Os Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1971). Lituraterre. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. (1975-1976). O Seminário XXIII. In: *O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. (1909). Lituraterra. In: *O Seminário Livro 18 – de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971.
- TCHEKHOV, A. (1985). *O Monge Negro*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1894.
- VIEIRA, M. A. Sobre o Japão de Lacan. *Latusa: O trabalho na sessão*, EBP/RJ, n. 8, p. 5, 2003.

Recebido em 28/7/2014; Aprovado em 11/9/2014.